
O DISCURSO PEDAGÓGICO NA PRÁTICA DA CAPOEIRA.

Lindinalvo Natividade^(*)

RESUMO

Neste trabalho, procuramos fazer algumas considerações sobre o discurso pedagógico desenvolvido a partir de reflexões sobre a prática da Capoeira e seus praticantes. Para compor este trabalho, a metodologia aplicada foi do tipo qualitativa, com base na revisão de literatura. A partir daí, abordamos as várias formas de discursos e o conceito de discurso pedagógico em Orlandi (2006). Analisamos especificamente três discursos que em nossa concepção circulam não só o mundo da Capoeira, mas também transita facilmente pelo mundo da academia, ou seja, o discurso que “o capoeira não cai, escorrega”, o discurso que a Capoeira é uma prática dialógica, “um jogo de perguntas e respostas” e o discurso sobre as possibilidades de “ensino da prática da Capoeira”.

Palavras-chave: Discurso pedagógico, capoeira, educação.

*Na roda de capoeira não há lugar para preconceitos
e vaidades pessoais.
Nela, os opostos se encontram:
o doutor e o analfabeto,
o negro e o branco,
e o homem vale pela sua arte.
Mestre Mao Branca.*

Para situar o leitor, queremos enfatizar que neste trabalho, utilizaremos o termo *Capoeira*, com inicial maiúscula para tratarmos da luta, do jogo, da dança, da cultura, da arte e etc. e *capoeira* com inicial minúscula para falarmos de seus praticantes. Também a chamaremos de *prática* por acreditarmos que este termo engloba todas as facetas¹ que envolvem a Capoeira.

Muitos leitores podem se perguntar o que um conceito teórico-metodológico como dimensionou Barreto (2009, p. 12) a partir de acepções de Fairclough, trabalhado na área educacional tem a ver com uma manifestação cultural, uma prática folclórica como alguns a assim preferem chamar? Antes de entrarmos diretamente no problema por nós sugerido, é necessário situar o leitor o que vem a ser discurso pedagógico.

Para início de conversa, entendamos primeiramente o que vem a ser o discurso. Segundo Carvalho (1996), o discurso é uma exposição metódica sobre certo assunto. De acordo com a sua finalidade, Carvalho (1996) aponta que Aristóteles tipificou quatro tipos de discursos: o discurso poético, o discurso retórico, o discurso dialético e o discurso lógico.

^(*)Professor de Educação Física e mestre de Capoeira. É mestrando em Políticas Públicas e Formação Humana pelo Programa de Pós-graduação em Políticas Pública e Formação Humana (PPFH/UERJ).

¹ Segundo alguns autores capoeira é jogo, esporte, cultura, dança, arte, luta dentre outras coisas.

(a) O discurso poético versa sobre o *possível* (δυνατός, *dínatos*), dirigindo-se, sobretudo à imaginação, que capta aquilo que ela mesma presume (εικαστικός, *eikástikos*, "presumível"; *eikasia*, *eikasia*, "imagem", "representação").

(b) O discurso retórico tem por objeto o *verossímil* (πιθανός, *pithános*) e por meta a produção de uma *crença firme* (πιστις, *pístis*) que supõe, para além da mera presunção imaginativa, a anuência da *vontade*; e o homem influencia a vontade de um outro homem por meio da persuasão (πιστις, *peitho*), que é uma ação psicológica fundada nas crenças comuns. Se a poesia tinha como resultado uma *impressão*, o discurso retórico deve produzir uma *decisão*, mostrando que ela é a mais adequada ou conveniente dentro de um determinado quadro de crenças admitidas.

(c) O discurso dialético já não se limita a sugerir ou impor uma crença, mas submete as crenças à prova, mediante ensaios e tentativas de traspassá-las por objeções. É o pensamento que vai e vem, por vias transversas, buscando a verdade entre os erros e o erro entre as verdades (διά, *diá* = "através de" e indica também duplicidade, divisão). Por isto a dialética é também chamada *peirástica*, da raiz *peirá* (peira = "prova", "experiência", de onde vêm *πειρασμός*, *peirasmos*, "tentação", e as nossas palavras *empíria*, *empirismo*, *experiência*, etc., mas também, através de *πειρατές*, *peirates*, "pirata": o símbolo mesmo da vida aventureira, da viagem sem rumo predeterminado). O discurso dialético mede enfim, por ensaios e erros, a *probabilidade* maior ou menor de uma crença ou tese, não segundo sua mera concordância com as crenças comuns, mas segundo as exigências superiores da racionalidade e da informação acurada.

(d) O discurso lógico ou analítico, finalmente, partindo sempre de premissas admitidas como indiscutivelmente certas, chega, pelo encadeamento silogístico, à *demonstração certa* (αποδείξις, *apodêixis*, "prova indestrutível") da veracidade das conclusões. (CARVALHO, 1996).

Para Orlandi (2006, p. 28) o discurso pedagógico é um discurso circular, institucionalizado, que se garante garantindo a instituição em que se origina e para qual tende, ou seja, a escola. Para Barreto (2009, p. 23) o discurso pedagógico é um conjunto de práticas de linguagem que serão desenvolvidas em situações concretas de ensino. Já Bernstein (1996) define discurso pedagógico como uma comunicação especializada onde transmissão e aquisição diferencial são efetuadas. Ainda em Bernstein, o discurso pedagógico são regras para embutir e relacionar dois discursos: o instrucional e o regulativo.

Definiremos o discurso pedagógico como a regra que embute um discurso de competência (destreza de vários tipos) num discurso de ordem social, de uma forma tal que o último

sempre domina o primeiro. Chamaremos de discurso instrucional o discurso que transmite as competências especializadas e sua mútua relação; chamaremos de discurso regulativo o que cria a ordem, a relação e a identidade especializada [...]. (BERNSTEIN, 1996, p. 258).

Orlandi (2006) parte da suposição que o discurso pedagógico pode ser dividido de três formas: autoritário, lúdico e polêmico. O critério adotado para esta divisão baseou-se na presença ou não do referente (objeto) e na exposição dos participantes (interlocutores), considerando a existência de dois processos: o parafrástico e o polissêmico constituindo assim, a tensão que o texto produz, ou seja, a tensão que funda a própria linguagem.

Para elucidar ao leitor quanto às divisões propostas por Orlandi (2006), cabe-nos dizer que o discurso autoritário, também chamado de verbalismo é o tipo de discurso onde o referente está ausente, não havendo aí locutores, resultando numa polissemia contida. “Este discurso recusa outra forma de ser que não a linguagem”. (p. 16). O discurso lúdico é aquele em que o objeto se mantém presente e os interlocutores se expõem a essa presença, chamado pela autora de polissemia aberta. O discurso polêmico mantém a presença do objeto sem a exposição dos participantes, porém procuram dominar seu referente, ou seja, resulta numa polissemia controlada.

Antes de continuarmos com as acepções de Orlandi, queremos propor uma analogia entre as classificações do discurso pedagógico proposto pela autora, com algumas derivações do verbo *fiar*, proposto pela professora Carolina da Costa Santos em sua apresentação no VI Seminário Internacional – As redes educativas e as tecnologias². Durante sua apresentação, Santos (2011) nos levou a pensar no verbo “versar”, que no dicionário significa por em verso. Então, *conversando* com a autora, pois “as conversas [...] explicitam um versar com, em companhia, compartilhando falas e dividindo histórias” (SANTOS, 2011, p. 5), analisamos as possibilidades do verbo *fiar* e suas derivações nas discussões do grupo de pesquisa e relatos de estágio supervisionado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio).

Segundo essa autora na roda de conversas de seu grupo de pesquisa, as conversas são *fiadas* pelo fato de não terem intenções definidas, por não receberem um controle formal e por terem como assunto temas variados (a nosso ver semelhante ao discurso lúdico). Então, essa conversa fiada passará a ter outras qualificações, como uma conversa *afiada*, mostrando as potenciais oportunidades para discussão, para debates de ideias, de visões e de estudos. A partir do momento em que essa conversa afiada leva seus interlocutores a busca de respostas, ela torna-se também *desconfiada*, *desafiada* e *desfiada* (discurso polêmico). E ao permitir a reflexão sobre novos modos de ver e

² VI Seminário Internacional – As redes educativas e as tecnologias • FE/UERJ • 6 a 9 de jun. 2011.

estudar, sobre novas fontes e referências, a conversa afiada, desfiada, desconfiada, desafiada se tornará *confiada* e até mesmo *enfiada* (discurso autoritário).

Em sua concepção, Orlandi (2006) coloca que o discurso pedagógico tal qual ele se apresenta atualmente é autoritário. Autoritário não pelo que ele diz, mas pelo que ele faz funcionar. Autoritário pela sua raiz, porque ele sempre quer ensinar. Haverá uma intencionalidade de fazer obedecer. Quem está investido no poder é que irá possui as lógicas de funcionamento fazendo com que os outros entendam o objeto. Para chegar a esse conceito, acreditamos que Orlandi analisou as formas imaginárias “quem ensina / o quê/ para quem / onde” e considerou a função de ensinar equivalente a de inculcar.

A autora caracterizou a cientificidade do discurso pedagógico ao considerar a transmissão da informação e a fixação como seus objetivos através do uso da metalinguagem e da apropriação do cientista pelo professor. Neste sentido, discurso pedagógico irá se dissimular como um transmissor de informação. Podemos dizer, resumidamente, que a partir deste ponto de vista, o discurso pedagógico será incorporado não somente pelos professores, mas por qualquer pessoa que tenha o intuito de ensinar utilizará para promover a transmissão do saber.

É, então, a partir dessas formulações que queremos abordar os discursos pedagógicos produzidos na prática da Capoeira. Gostaríamos de começar pela máxima que todo capoeirista, seja ele do passado, seja contemporâneo e nos arriscamos a dizer que até mesmo os que por ventura virão a praticar a nossa nobre arte, deparar-se-ão com ela, ou seja: “capoeira não cai, escorrega”³. Esta pequena frase incute na cabeça do jovem capoeirista, que acaba de se interessar pela prática da Capoeira, que cair é algo ruim, maligno, humilhante.

Voltando as reflexões de Orlandi (2006), a autoridade nesse discurso está justamente na ação de demonstrar ao jovem capoeirista, mesmo antes que ele possa vivenciar e sentir o axé de uma roda de Capoeira, antes mesmo que ele possa conhecer os mais variados toques de berimbau, antes que ele aprenda a fazer o seu primeiro aú⁴, que ele jamais deverá ficar vulnerável nas quedas, que nada mais são que movimentos desequilibrantes da Capoeira. Tomando emprestado o conceito de conversa derivadas do verbo fiar de Santos (2011), aqui com certeza a conversa é *enfiada* e será *confiada* pelo novo discípulo.

³ Grifos nossos

⁴ Movimento de saída de roda. Consiste em fazer um deslocamento lateral com o corpo colocando as duas mãos no chão. As pernas livres passarão uma de cada vez para o outro lado.

Mas com o passar do tempo, com treinamentos e muita conversa com os docentes⁵ da Capoeira, esse aluno verá que o cair não será algo tão humilhante assim. Pois, na verdade, cair será preciso, principalmente no dia do batismo⁶ quando ele deverá receber uma queda de um mestre. O discurso que, até então era autoritário no início (e continuará sendo, pois como dissemos, ele pretende ensinar). agora, com as reflexões desenvolvidas com a vivência na Capoeira, para esse aluno se tornará polêmico. Será uma conversa *desafiada, desafiada e desconfiada*.

Aqueles docentes mais filosóficos poderão dizer a esse aluno que será na queda que o rio conhecerá sua força, ou ainda utilizar esta cantiga: “na vida se cai, se leva rasteira, quem nunca caiu, não é capoeira”⁷, para demonstrar a importância da queda. E, ao perceber essa possibilidade dual da prática da Capoeira, esse aluno saberá lidar não só com as quedas da roda, mas também com as da vida. Só para exemplificar essa dualidade da prática da Capoeira, vejamos as palavras de Mestre Pastinha⁸ que oportunamente disse que a Capoeira tem negativa, a Capoeira nega. A Capoeira, também, é positiva, pois tem verdade. Segundo o mestre,

negativa é fazer que vai e não vai, e na hora o nego mais espera, capoeirista vai entra e ganha. E quando ele vê que perde, ele, então, deixa a Capoeira na negativa pro camarada pra depois, então, ele vir revidar.

Outro discurso que ouvimos sempre depois desse primeiro, é que a Capoeira é um diálogo, um jogo de perguntas e respostas que não deve haver interrupções. Segundo Barreto (2002, p. 32), diálogo refere-se à fala entre duas ou mais pessoas apontando para uma discussão, uma troca de opiniões, ideias, conceitos com o objetivo de comunicar, entender e solucionar problemas. Mas o diálogo que aqui estamos nos referindo não é um diálogo qualquer, mas sim um diálogo do corpo. De acordo com Allodi *apud* Silva (2003)

[...] o corpo participa de uma linguagem global: a postura [...], o caminhar, o sentar, o andar firme ou encurvado, alegre ou cansado é uma linguagem que traduz como sintonizamos o corpo [...]. (p. 66).

⁵ Chamo de docentes, as várias categorias de formado. Formados são alunos que atingiram um estágio maior na Capoeira. Bimba chamou assim os seus alunos mais experientes. Hoje, refere-se aos mestres, contra-mestres, professores, instrutores e monitores.

⁶ Ritual para iniciar o aluno à Capoeira após um período de mais ou menos seis meses. Deverá o aluno dominar movimentos básicos, e será o seu momento de maior sensação, que consiste em uma queda que o mestre executa no aluno, no decorrer do jogo.

⁷ Cantiga do CD

⁸ Vicente Ferreira Pastinha, ou Mestre Pastinha. Foi um ícone da Capoeira angola. Entrevista cedida a Muricy no documentário “Pastinha, uma vida pela Capoeira!”

Na roda de Capoeira, esse diálogo está sempre acontecendo, seja na atuação daquelas duas pessoas que estão a se movimentar de um lado para outro, de cima para baixo, da esquerda para a direita ou vice-versa, aos que fazem parte da roda e como também aos que meramente assistem. De acordo com Cordeiro *apud* Natividade (2005) “na roda, o capoeirista joga, canta, toca, estabelece este diálogo corporal com perguntas/respostas, sem que haja uma interrupção”. Queremos somar aí as palmas, batidas não somente pelos participantes, mas também, na maioria das vezes, pelas pessoas que assistem. Sendo assim, cada participante contribui de forma singular e também de forma coletiva para o enriquecimento desse diálogo.

Como essa fala, essa troca de opiniões e ideias, como citou Barreto (2002), acontece na roda? Imaginemos um jogo de Capoeira em que cada participante realize um movimento de cada vez. Vamos falar da benção para ilustrar. Benção é um movimento realizado com os pés. Frontalmente, o executor precisa flexionar o joelho próximo a linha da cintura e estender toda a perna para atingir o outro jogador com a sola do pé (*figura 1*). Como dissemos,

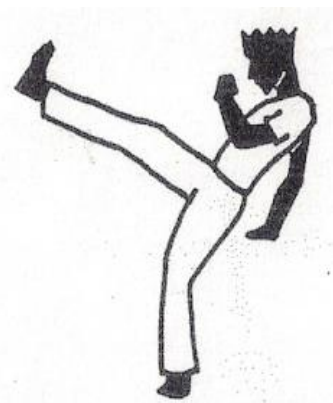


Fig. 1. Benção. Mestre Gladson.

vamos imaginar o outro executor fazendo o mesmo movimento depois do primeiro. Haverá nesse diálogo uma pausa. Seria como aquelas transmissões feitas pelos canais de televisão quando um repórter está do outro lado do mundo e há aquele silêncio até que o sinal possa chegar e o repórter ouvir o outro interlocutor.

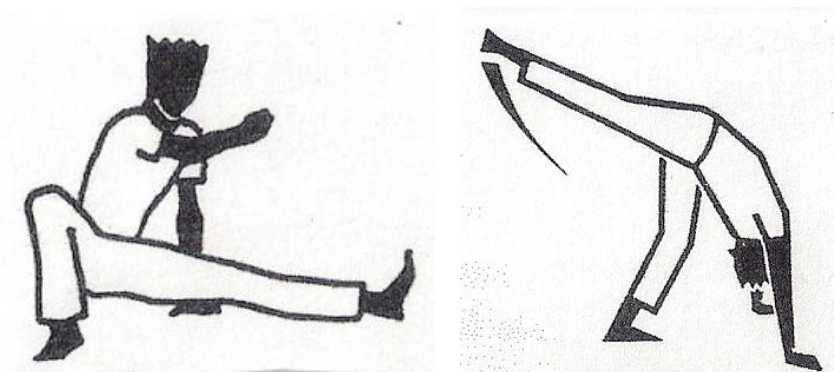


Fig. 2. Negativa e meia lua de compasso. Mestre Gladson

A interlocução no jogo da Capoeira está justamente no fato de termos uma pronta resposta a qualquer pergunta que seja feita e possamos nessa mesma resposta, engajar outra pergunta possibilitando mais uma resposta.

Sendo assim o diálogo passa ter uma continuidade, até que cesse pelo cansaço do jogo, pela compra⁹ de outro jogador ou pela decisão do responsável da roda. Voltando ao nosso exemplo, após a benção do primeiro jogador, o segundo jogador poderia fazer uma negativa, passar para o rolê e fazer uma meia-lua de

⁹ Comprar o jogo é entrar na roda de capoeira sozinho, após ter dado uma volta em sentido anti-horário (volta ao mundo) e escolhendo um dos dois que estão ali para se jogar.

compasso¹⁰. Veja o esquema pergunta (benção), resposta (negativa e rolê), pergunta (meia-lua de compasso), que forçaria o primeiro jogador a uma nova resposta e mais uma pergunta (*figura 2*).

Esse diálogo entre os dois jogadores no centro da roda de Capoeira, apesar de criativo e artístico, é mediado pelo toque do berimbau. É ele quem dita às regras do jogo e, conseqüentemente, as desse diálogo, que pode ser lento, bem rasteiro e malicioso, como pode ser rápido e objetivo. Pode ser entre os mais experientes da roda, como pode ser amistoso ou mais arrochado. Chama-nos atenção, nessa prática afro-brasileira, a forma como o poder, a hierarquização perpassa por todos estes elementos. Esse poder que para Foucault (1988) não é um lugar, uma coisa ou uma propriedade, mas sim, uma relação que possui lógicas de funcionamento e fluxos mecânicos.

Sem duvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 1988, p. 88).

E aí, para somar ao berimbau na mediação dos diálogos dos corpos, estão as músicas de Capoeira com seus mais variados assuntos, que vão desde histórias da época da escravidão com seus castigos e feitos heróicos, as exaltações de alguns mestres e mitos do passado. E como já dizia Nestor Capoeira (1999, p. 100), “sem coro a coisa não vai”, e o diálogo que a princípio era entre dois jogadores, se torna coletivo, mudando as formas de interlocução, ora no jogo, ora nas palmas, ora no ritmo¹¹, fazendo que com a Capoeira tenha um trabalho colaborativo como dimensionou Barreto¹².

Outro discurso que nos chama atenção na roda da Capoeira é a possibilidade de seu ensino. De acordo com Sodré (2005, 2008), o mestre capoeirista negro não ensinava a seu discípulo a Capoeira. Não da forma como a pedagogia ocidental entende o verbo ensinar, ele simplesmente criava as condições de aprendizagens, o que podemos aqui chamar de vivências. Esse ensinar ocidental, Sodré (2005) argumenta ser a capacidade de verbalizar, conceituar, expor metodicamente seu conhecimento ao aluno. Guardemos bem os verbos: verbalizar, conceituar e expor (metodicamente).

Em contrapartida, Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba fez história no mundo da Capoeira, recebendo inclusive da Secretaria de Educação, Assistência e Saúde da Bahia,

¹⁰ Negativa é um movimento de esquiva. É negar o golpe. Role é um movimento de complemento da negativa, pois permite o jogador rolar sobre seu eixo possibilitando sua subida do chão. Meia lua de compasso é um movimento de ataque giratório. O jogador gira no seu eixo trazendo a perna estendida de forma que o calcanhar atinja o oponente.

¹¹ Chamamos de ritmo a bateria composta pelos berimbaus, atabaque e pandeiros.

¹² Informação verbal.

o título de Professor de Educação Física (VIEIRA, 1998 p. 138), sem mesmo sequer ter ido à universidade. Bimba criou o estilo regional, chamado por ele de luta regional baiana. Esse estilo tornava a Capoeira mais objetiva, rápida podendo colocá-la a prova com outras lutas. Para criar esse estilo, Bimba criou:

[...] uma sistematização ampla que inclui sequências de ensino, sistema hierárquico, regulamento para competições, normas de comportamento do capoeirista dentro e fora da roda, Bimba operou o início do contato da Capoeira com outras esferas sociais, além da periferia das grandes cidades, recodificando os rituais nos moldes do ambiente político e cultural da década de trinta. (VIEIRA, 1998, p. 130).

Aqui podemos observar duas realidades discursivas no ensino da Capoeira. Por um lado Sodré, afirmando que o mestre de Capoeira negro não ensina seu discípulo verbalizando, expondo metodicamente seu conhecimento. Por outro lado Bimba, criando sequências de ensino, teste de admissões, cinturas desprezadas e etc. Primeiramente, acreditamos que o grande Mestre Bimba precisou verbalizar suas sequências, que são oito. Após a apreensão desses movimentos pelos seus primeiros alunos, aí sim, eles foram vivenciá-los na roda, cada um a sua maneira. Então, podemos perceber que Bimba verbalizou, conceituou e expôs metodicamente os seus conhecimentos na sua luta regional baiana. E, diga-se de passagem, Bimba, além de mestre, também era negro.

Façamos agora uma pequena confissão. Não conseguíamos entender as concepções de Sodré até que, em uma aula para os alunos graduados e formados do Centro Esportivo de Capoeira Quarto Crescente, fizemos esta pergunta aos professores que estavam no treinamento. “- É possível ensinar a Capoeira?” Antes que qualquer um pudesse responder o professor Marimbondo, com toda sua calma e paciência, disse-nos: “- É possível ensinar os movimentos, o jogo não”¹³. De repente uma luz se acendeu em nossas mentes; e aí podemos entender o que Sodré propunha e o que Bimba fazia. Sim, Bimba ensinava as sequências, assim como hoje nós ensinamos os mais variados movimentos, sejam eles de ataque, de defesa, desequilibrantes ou de floreios, mas o jogo, o momento de executar um movimento, de encadeá-lo a outro proporcionando o diálogo já citado, somente a vivência na roda pode proporcionar.

Para finalizar, gostaríamos de dizer não temos a intenção de colocar um ponto final nos discursos pedagógicos produzidos na Capoeira, reduzindo a totalidade desta prática somente a essas três questões. Acreditamos sim, que na roda de Capoeira existam vários outros discursos, inclusive por ser a Capoeira um maravilhoso campo de possibilidades, que devido a esta complexidade, resistiu a perseguições, jogou com interesses e se tornou uma das manifestações mais dinâmicas da

¹³ Informação verbal.

cultura afro-brasileira. Optamos por estas porque em nossa concepção, seriam as mais presentes em quaisquer discussão em que envolvam capoeiristas, pesquisadores, folcloristas e amantes desta manifestação afro-brasileira.

Na roda de capoeira não há lugar para preconceitos e vaidades pessoais.

Nela, os opostos de encontram:

o doutor e o analfabeto,

o negro e o branco,

e o homem vale pela sua arte.

Mestre Mao Branca.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Raquel Goulart. *Formação de Professores, tecnologias e linguagens*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Discursos, tecnologias, educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- BERNSTEIN, Basil. *A estruturação do discurso pedagógico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CAPOEIRA, Nestor. *O Galo já cantou*. 2. ed, Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CARVALHO, Olavo de. *Aristóteles em nova perspectiva: introdução a teoria dos quatro discursos*. Rio de Janeiro: Top Books, 1996. Disponível em: < <http://www.olavodecarvalho.org/info.htm>>. Acesso: 12 jun. 2011.
- FOUCAULT Michel. *História da Sexualidade*. I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988
- NATIVIDADE, Lindinalvo. *Atuação do profissional de educação física em relação às lutas no ambiente escolar. Ênfase na Capoeira*. TCC, Centro Universitário de Volta Redonda, UNIFOA, Volta Redonda, 2004. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd90/capoeira.htm> >. Acesso em: 29 nov. 2010.
- ORLANDI, Eni. *Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2006.
- PASTINHA, uma vida pela capoeira! Direção: Antonio Carlos Muricy. Rio de Janeiro: Taquari Produções Artística Ltda., 2008. 1 DVD – NTSC.
- SANTOS, Carolina da Costa. O(s) nós das redes de conhecimentos e subjetividades: entre possibilidades de fiar narrativas e literatura brasileira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL – As redes educativas e as tecnologias. *Anais do VI Seminário...* Rio de Janeiro: UERJ/Proped. 2011. Cd.
- SILVA, Jose Milton Ferreira. *A linguagem do corpo na Capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
- SODRÉ, Muniz. *Verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. *Mestre Bimba, corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2008.
- VIEIRA, Luiz Renato. *Jogo da Capoeira: Corpo e cultura popular no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

ABSTRACT

In this work we look for to make some consideration on the developed pedagogical speech from reflections on practical of the Capoeira and its practitioners. To compose this work, the applied methodology was of the qualitative type, on the basis of the literature revision. From then on we approach you vary it forms of speeches and the concept of pedagogical speech in Orlandi (2006). We specifically analyze three speeches that in our conception not only they circulate the world of the capoeira, but also transits easily for the world of the academy, that is, the speech that "the capoeira does not fall, slides", the speech that the Capoeira is one practices dialogue, "a game of questions and answers" and the speech on the possibilities of "education of the practical of the Capoeira".

Keyword: Pedagogical speech, Capoeira, education.

*Recebido em setembro de 2011
Aprovado em novembro de 2011*